

A LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: AS REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS SOBRE O INGLÊS

Laura Calaça da Silva¹
Márcia Teixeira de Paula²
Suzy Mara Gomes³
Pauliana Duarte Oliveira⁴

¹ Instituto Federal de Educação de Goiás / Câmpus Jataí / Engenharia Civil – PIBIC edital 004/2014,
laurasilvalg@hotmail.com

² Instituto Federal de Educação de Goiás / Câmpus Jataí / Coordenação de Secretariado, marciatpp12@gmail.com

³ Instituto Federal de Educação de Goiás / Câmpus Jataí / Coordenação de Secretariado, suzymg@gmail.com

⁴ Instituto Federal de Educação de Goiás / Câmpus Itumbiara / Departamento de Ensino,
pauliana.oliveira@ifg.edu.br¹

Resumo

Neste trabalho relatamos uma pesquisa cujo objetivo foi identificar as representações sobre a língua inglesa dos alunos do ensino médio técnico integrado do câmpus Jataí. Foram realizadas quinze entrevistas com alunos dos primeiros e segundos anos dos Cursos Técnicos em Edificações e em Eletrotécnica Integrados ao Ensino Médio em Tempo Integral. Os alunos enunciaram sobre o ensino de língua inglesa nos cursos que frequentam no IFG e também sobre suas expectativas a respeito da língua inglesa no ensino médio técnico integrado. De modo geral, os alunos esperam que a língua inglesa possa contribuir para ajudá-los nas disciplinas técnicas das áreas de Edificações e de Eletrotécnica; para auxiliá-los em possíveis viagens ao exterior ou em situações em que tiverem necessidade de conversar com estrangeiros. Muitos alunos também acreditam que para aprender inglês teriam que frequentar um curso de idiomas. Tais informações possibilitam visualizar um panorama do ensino de línguas nesse câmpus e, por isso, são bastante valiosas para os professores da área.

Palavras-chave: Inglês, representações, alunos, ensino, técnico.

INTRODUÇÃO

Neste artigo descrevemos uma pesquisa realizada com alunos dos cursos técnicos de Edificações e de Eletrotécnica integrados ao Ensino Médio em tempo integral do câmpus Jataí. É relevante informar que o projeto da pesquisa já estava em execução desde agosto de 2013 e era desenvolvido pelas professoras de língua inglesa do câmpus. Em 2014, foi incluída no projeto uma estudante do Curso de Engenharia Civil como voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. Posteriormente, a estudante passou a ser bolsista do programa.

O projeto teve como objetivo geral identificar as representações sobre a língua inglesa dos alunos do ensino médio técnico integrado no câmpus Jataí. Os objetivos específicos foram:
a) Analisar as representações sobre a língua inglesa identificadas nos dizeres dos alunos

¹ Em maio de 2015, a professora orientadora deste projeto foi removida do Câmpus Jataí para o Câmpus Itumbiara.

participantes da pesquisa; b) Identificar as formações discursivas às quais as representações presentes nos dizeres dos participantes da pesquisa se filiam; c) Discutir as implicações das representações identificadas para o ensino de inglês dos cursos técnicos integrados de nosso campus; d) Fazer um levantamento das especificidades e necessidades das áreas dos cursos técnicos integrados de nosso campus em relação à língua inglesa; e e) Elaborar diretrizes para o ensino de língua inglesa no contexto do ensino médio técnico integrado.

De acordo com *Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio* (2007):

A ideia de formação integrada sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico-tecnológica e na sua apropriação histórico-social. Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. (Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio, 2007, p. 41).

Considerando essa proposta de formação integrada, verificamos a necessidade de discutir acerca do ensino de língua inglesa no contexto de educação profissional. Entendemos que esse ensino constitui um desafio devido às suas características de preparar o aluno conforme a educação básica de nível médio e também preparar para o exercício profissional e ao professor demanda reflexões, ações e busca soluções urgentes especialmente diante da acelerada expansão do ensino técnico e tecnológico que ocorre no Brasil atualmente.

Segundo Almeida Filho (2008), o ensino de línguas em contexto de formação tecnológica possui especificidades que precisam ser conhecidas e atendidas. O ensino de inglês no contexto da educação profissional possui especificidades que, devido ao fato de tratar-se de uma modalidade de ensino nova, ainda não são bem compreendidas e muitas delas nem conhecidas pelos professores acostumados com outros contextos de ensino.

No curso técnico integrado, as aulas de inglês são ministradas em um encontro semanal que corresponde a duas horas/aula e perfazem uma carga horária anual de 54 horas/aula. A disciplina Língua Inglesa é oferecida durante dois anos do curso, no primeiro e no segundo ano, totalizando 108 horas/aula. O contato com os alunos durante as aulas não é suficiente para fornecer ao professor o conhecimento e a compreensão de suas expectativas sobre a língua estudada bem como as necessidades específicas com relação ao inglês que a área do curso demanda. Assim, propomos realizar um estudo sobre as representações acerca da língua inglesa.

Segundo Woodward (2000) “A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito” (WOODWARD, 2000, p. 17). Especialmente com o advento da modernidade são atribuídos muitos significados para o inglês como, por exemplo, língua para comunicação, língua da globalização, língua da tecnologia, língua mais falada no mundo entre outros. Os discursos sobre a língua inglesa são oriundos de diferentes lugares pois, o inglês está presente em diversos campos como a tecnologia, a medicina, o turismo, o cinema, a televisão, a publicidade, a informática, os esportes, a ciência, etc. Tais discursos também se originam em diferentes

épocas porque a história mostra como o inglês tem se expandido desde o início da colonização britânica em meados do século XVII. Desse modo, foi-se atribuindo sentidos à língua inglesa.

Esses sentidos conferem a esta língua determinadas imagens que ao longo do tempo passaram a constituir um imaginário sobre ela. Como exemplo, tem-se a visão do inglês como língua que melhor se adapta ao mundo moderno, de que nos fala Pennycook (1999) e que, segundo esse autor, é sustentada por imagens que associam o inglês a tudo o que é novo.

A literatura indica trabalhos sobre representações acerca do inglês como, por exemplo, Grigoletto (2003) investigou representações de alunos de Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas; Andrade (2008) investigou representações de professores em formação; e Freitas (2009) investigou representações de alunos de Ensino Fundamental. Tais trabalhos contribuem para nossa formação teórica, porém, não fornecem conhecimento sobre representações acerca do inglês no contexto da educação profissional. Enquanto docentes de língua inglesa em cursos técnicos integrados do Instituto Federal de Goiás é relevante conhecer as representações sobre o inglês dos alunos de nosso câmpus, para que seja possível construir uma prática docente mais efetiva e adequada a esta comunidade discente.

Logo, entendemos que existe necessidade de conhecimento e compreensão das representações sobre o ensino de língua inglesa para: a) atender às especificidades do ensino de inglês nas áreas dos cursos técnicos integrados do câmpus; b) contribuir para a promoção de um ensino de língua inglesa dentro de uma visão crítica da língua.

O estudo realizado nesta pesquisa foi conduzido paralelamente às aulas de língua inglesa nos cursos técnicos integrados ao ensino médio no câmpus Jataí.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa de cunho interpretativista pois, conforme Gomes (2009), considera-se que é o encontro dialógico onde deve se considerar a unidade de cada sujeito assim como o que resulta da interação destes. Além disso, Gomes complementa: “Na pesquisa interpretativista a produção do conhecimento é feita via linguagem e a linguagem é também seu objeto de estudo para interpretar a subjetividade do fenômeno.” (GOMES, 2009, p. 12). A metodologia utilizada consistiu em entrevistas do tipo semi-estruturada. De acordo com Oliveira (2006), a escolha por esse tipo de entrevista deve-se às suas características: a entrevista é constituída por questões abertas e segue um roteiro prévio, mas que permite flexibilidade. Além disso, segundo Abrahão (2006):

Neste tipo de instrumento, o pesquisador prepara algumas direções gerais que orientarão o seu trabalho. Essas questões ou direções gerais são, então, utilizadas sem que se siga uma ordem fixa, o que permite a emergência de temas e tópicos não previstos pelo entrevistador. É um instrumento que melhor se adequa ao paradigma qualitativo por permitir interações ricas e respostas pessoais. Este tipo de entrevista tem a vantagem de permitir que as perspectivas dos entrevistadores e entrevistados componham a agenda da investigação. (Burns, 1999) (ABRAHÃO, 2006, p. 223)

Tais características são bastante adequadas aos objetivos da pesquisa realizada porque permitiu às pesquisadoras elaborar um roteiro das questões que deviam ser investigadas; os participantes puderam enunciar de forma livre sobre o tema, isso permitiu a emergência de suas representações; outras perguntas foram acrescentadas de acordo com a interação entre pesquisa.

O suporte teórico da pesquisa é a Análise do Discurso francesa. De acordo com essa teoria, o material de análise é chamado de *corpus*. Um *corpus* é construído a partir de uma questão. No caso da pesquisa relatada neste artigo, a questão é: quais são as representações sobre o inglês dos alunos dos cursos técnicos integrados de nosso câmpus? A Análise do Discurso francesa também embasa nossa concepção de língua e também de discurso. O conceito de representação utilizado na pesquisa é advindo da teoria dos Estudos Culturais, porém, ele apresenta-se compatível com a teoria da Análise do Discurso.

As entrevistas foram gravadas no notebook da coordenadora do projeto e, posteriormente, foram transcritas.

Inicialmente, seguindo a sugestão de uma professora colaboradora, foi aplicado um questionário piloto objetivando fazer uma sondagem para verificar se o roteiro de entrevista elaborado estava adequado aos objetivos da pesquisa. Este piloto não foi previsto no projeto da pesquisa, porém, mostrou-se bastante necessário para que pudéssemos direcionar o trabalho corretamente.

Dessa forma, no mês de setembro de 2014, com a ajuda de uma professora colaboradora, o projeto foi apresentado às quatro turmas de língua inglesa do câmpus Jataí (primeiros e segundos anos). Alguns alunos, de forma voluntária, se dispuseram a ser entrevistados. Assim, a coordenadora entrevistou quatro alunos (3 meninos e 1 menina) nas dependências do câmpus. Tais alunos foram identificados com o código A: menina e O: menino e a cada um foi atribuído um número: A1 para a menina e O1, O2, e O3 para os meninos. As entrevistas foram gravadas no notebook da coordenadora, utilizando o recurso *gravador de som*. Foram elaboradas duas perguntas: a) *No que se refere ao ensino médio técnico integrado, na sua opinião, o que se espera do ensino de língua inglesa?* e b) *O ensino de língua inglesa no IFG contempla as necessidades específicas relacionadas à parte técnica do seu curso ou auxilia na aquisição dos saberes técnicos?* Essas duas perguntas direcionaram as entrevistas, porém, no decorrer das mesmas, geralmente, outras perguntas eram acrescentadas seguindo a metodologia da entrevista semi-estruturada,

Após a realização das entrevistas, a coordenadora e a estudante fizeram a transcrição. Ao término dessa etapa, a coordenadora e uma professora colaboradora fizeram uma análise de caráter superficial das entrevistas, isto é, não foi realizada uma análise mais aprofundada das entrevistas, isso porque, tal análise destinava-se à verificação da validade do questionário e também para a escolha de recortes discursivos que seriam utilizados em uma apresentação em um evento científico. Dessa forma, foram escolhidos alguns recortes discursivos para figurar no pôster que foi apresentado em um fórum. Durante a apresentação do trabalho no fórum, recebemos algumas sugestões para o desenvolvimento da pesquisa. Uma dessas sugestões foi bastante relevante: considerar a questão do gênero textual no ensino de inglês no contexto da educação profissional. Entendemos que isso deve ser levado em conta quando as professoras forem considerar os resultados desta pesquisa para discutir sobre o ensino de língua inglesa nos cursos técnicos integrados e elaborar um planejamento de acordo com as especificidades desse ensino.

O objetivo da aplicação do questionário-piloto foi o de verificar se as questões da entrevista eram adequadas para os objetivos da pesquisa, isto é, se elas possibilitariam aos alunos enunciar de modo que respondessem às perguntas da pesquisa. A análise das transcrições das entrevistas-piloto permitiu às pesquisadoras concluir que o questionário poderia ser mantido. Sendo assim, foram mantidas as mesmas duas perguntas para a realização das entrevistas que comporiam o *corpus* da pesquisa.

No mês de dezembro de 2014, a coordenadora com a ajuda de uma das professoras colaboradoras, realizou as entrevistas com os alunos de primeiro e segundo anos dos cursos

Técnico em Edificações e Técnico em Eletrotécnica integrados ao Ensino Médio em tempo integral. No total, foram entrevistados 15 estudantes, 9 meninas e 6 meninos que participaram da pesquisa voluntariamente. As entrevistas também foram realizadas nas dependências do Câmpus Jataí e gravadas no notebook através do recurso gravador de som.

Ao terminar as entrevistas, o material gravado foi transcrito pela estudante. A estudante utilizou o seguinte código para as transcrições:

E: entrevistador (a)

IFG : IFG campus Jataí

(P) : pausa longa

(p p) : pausa curta

O: menino

A: menina

(formação de ideias): a pessoa está ainda pensando no que falar e fica e...

(intranscritível): não é possível entendimento para a transcrição...

Ressaltamos que ao elaborar o código para as transcrições, foi atribuído também um código para identificar os participantes e eliminar qualquer tipo de identificação dos mesmos. As meninas são identificadas com a letra A e os meninos com a letra O. Cada participante é identificado por uma letra e um número, por exemplo, A1 (a participante é a primeira menina entrevistada), A2 (corresponde à segunda menina entrevistada).

REPRESENTAÇÕES IDENTIFICADAS NAS ENTREVISTAS

Conforme dito anteriormente, a entrevista consistiu de duas perguntas. Em algumas entrevistas, a entrevistadora incluiu outras perguntas visando obter respostas mais precisas para as questões da entrevista. No total, foram realizadas 19 entrevistas, sendo 4 entrevistas na fase do questionário piloto e 15 entrevistas posteriores ao piloto. Tanto na fase do questionário piloto quanto na segunda fase das entrevistas, as respostas dos alunos foram semelhantes. Como a fase do questionário piloto foi realizada apenas em caráter de sondagem, para a análise e discussão dos resultados vamos descartar as entrevistas do questionário piloto e considerar as 15 entrevistas realizadas após sua aplicação.

De modo geral, as respostas dos alunos para as questões da entrevista abordaram temas como: a parte técnica dos cursos técnicos integrados, isto é, as disciplinas específicas das áreas de Eletrotécnica e Edificações; viagens para o exterior e/ou o contato com estrangeiros, tradução, a comunicação em Inglês utilizando o recurso da fala; cursos de Inglês em escolas de idiomas; e comentários a respeito do ensino de Inglês de modo geral como por exemplo sobre a necessidade ou não do ensino explorar aspectos como vocabulário, leitura, interpretação de texto, gramática, utilizar mais a língua inglesa em sala de aula, aumentar o nível de dificuldade, isto é, “puxar” mais na disciplina Língua Inglesa, preparar para o Enem, evitar o uso de dicionário entre outros.

Consideramos que representações caracterizam-se como discursos recorrentes acerca de algo. Conforme Maldidier; Normand e Robin (1997), a representação se constrói a partir de um pré-construído e o pré-construído por sua vez, corresponde àquilo que “todo mundo sabe” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Desse modo, levando-se em conta esse conceito e também o objetivo de nossa pesquisa que consiste em identificar as representações sobre a língua inglesa dos alunos do ensino médio técnico integrado do câmpus Jataí, vejamos alguns recortes de entrevistas. Como foi dito anteriormente, durante a análise das entrevistas, observamos que alguns temas

eram recorrentes como a questão da parte técnica dos cursos, viagens para o exterior, cursos de idiomas entre outros, então agrupamos os recortes das entrevistas de acordo com as representações sobre a língua inglesa que eles contêm.

a) O inglês e as disciplinas técnicas dos cursos de Edificações e Eletrotécnica

A1: “(p p) Acho que devia **focar mais assim, na parte técnica para que a gente tenha suporte para, por exemplo (p p), saber entender e (p), interpretar um manual** que é isso que a gente vai encontrar quando a gente for pro ensino superior até porque (p p) a gente não tem LI no ensino superior.”

A1: “**São manuais que (p p) muitos equipamentos contam com os manuais e a maior parte é em inglês (p).**”

A6: “Assim, tradicional acho que não, mas assim também **não só trabalhar com termos técnicos, por exemplo usado, mas também englobar um pouco de tudo sabe? Também trabalhar um pouco da parte que (formação de ideias) que entra a engenharia, as edificações**, acho que tinha que englobar um pouco, também, acho que era bom (p).”

O5: “**A gente da Eletrotécnica usamos um programa que chama (intranscritível) e ele tá todo em inglês(P).** E: Uhum(P) O5: então ele pode ajudar bastante a gente(P) E: Qual é o nome? O5: “Multsim” (P). E: “Multsim”? (P) O5: Sim, **ele pode ajudar bastante a gente nesses casos.** (P) E: Esse “multsim” é o que? um programa? O5: Sim, é um programa de computador.(P) E: Esse “multsim” é o que vem de mult sinais? O5: É um simulador de circuitos.(P) E: Ah, tá. E aí, ele é em inglês? O5: **Sim, ele é todo em inglês.**(P) E: Uhum. Te ajudaria... no caso seria a leitura, no caso da possibilidade desse programa, você precisaria de leitura, compreender o que ele tá pedindo ali? O5: Sim, o que o programa diz.”

O6: “**Bom, no caso de edificações eu acho que vocês tinham que voltar um pouco principalmente para o “autocad” porque o “autocad” é em inglês(P)** E: Uhum(P) O6: E os professores ensinam no inglês, **já existe o “autocad” na versão portuguesa, mas o que é usado aqui no IFG por exemplo é o inglês (P)** E: Uhum(P) O6: Então, tem muita coisa que tem no “autocad” que a gente não sabe, mas tem bastante coisa que a gente sabe (P) E: Aham, então tinha que ser mais voltado para área da parte técnica? O6: Uhum (P) E: De vocês (P) O6: Uhum que nosso caso seria o “autocad” que é o que a gente usa que é em inglês (P).”

b) Viagem para o exterior

A1: “Então, se não for por fora (p p) segundo, primeiro, segundo ano, é a todo suporte que a gente vai ter(p). Então, **acho que seria importante isso. (p p) E trabalhar principalmente assim (p p) o curso de (não foi possível transcrição) para que (p p) numa viagem a gente saiba pelo menos, não falar, mas pelo menos interpretar, saber o que tá falando (p p) então acho que isso.**”



A5: “Assim, hoje em dia a LI é muito utilizada, tanto aqui no nosso país mesmo, tanto nos países de fora, e quem vai estudar assim, fora, o importante é a LI, para as pessoas se comunicarem com as pessoas de outros países. Aqui é importante ter no seu currículo, é tipo meio que, dá mais como que fala é? (formação de ideias) é tipo importante, um ponto a mais também, tipo assim, hoje em dia assim, hoje em dia também os computadores, nos jogos, no celular, também na internet, no mundo virtual, tem a gente também que utiliza várias línguas e expressões em inglês também, a gente pode utilizar. Então, isso é muito importante porque se você quer fazer um passeio e quer conhecer é Paris, Inglaterra é bom porque você vai poder se comunicar também como...”

c) Aprender inglês para traduzir

O3: “Então, eu não sei muito bem sobre a Eletrotécnica, mas eu vou falar um pouco é (formação de ideias) o que eu acho sobre isso é, eu acho que a LI na Eletrotécnica em si eu acho que ela faz, como eu posso falar? Eu acho ela muito importante porque, **porque geralmente todas essas matérias técnicas Agrimensura, Informática, Eletrotécnica e essas coisas, é questão mais assim tem essas coisas melhores nos Estados Unidos, então geralmente livros, essas coisas de ensino maior ele vem em inglês, demora um pouco pra poder traduzir e acaba que se você precisa daquilo pra ontem, você tem que saber um pouco do inglês pelo menos pra tentar traduzir aquilo ali pra você (P P)** E: Uhum (P). O3: Conseguir é (p p) entender melhor aquela matéria porque chega mais pra frente, agora Eletrotécnica pelo menos não faz tanto, **algumas coisas básicas que passam coisas básicas, a gente ainda consegue traduzir o inglês agora acaba que você chega mais pra frente que você já precisa de pegar algoritmo (intranscritível) que aí já são partes do seu inglês que são essas coisas assim mais teóricas, mas que na prática, o inglês mesmo, que você necessita mais (P).**”

A3: “E mais traduções de palavras sabe? Mas não tradução direta, tipo assim, estimular mais o inglês (p). E: Aham (p). A3: **Tipo assim, o inglês é ótimo principalmente no ensino técnico pra ficar com a cabeça cheia(p)**”.

A3: “Aí, tipo o texto às vezes era meio bom trabalhar a interpretação do texto, não ensinando a pessoa a traduzir, porque traduzir traduzindo é um erro (p p)”.

d) Aprender a falar em inglês

A4: “Ah, eu espero que o inglês seja mais aprofundado assim na questão de saber interpretar bem, falar assim um pouco mais fluente (?)”.

A5: “É, como Engenheira Elétrica, se eu puder fazer algum serviço ou se eu tiver algum cliente estrangeiro como eu vou poder me comunicar com ele? Para mim é tipo comunicação mesmo, também abrir, expandir mais nosso conhecimento, tipo você vai estudar e vai fazer tipo uma prova, aí você vai escolher entre o inglês e o espanhol, aí você vai se dar melhor no inglês, aí quando você for fazer a prova vai ter mais conhecimento.”

A6: “Assim, não sei se é porque eu tenho mais facilidade em ler, ou melhor, muita dificuldade em falar, então acho que isso. E: Então focar mais na fala? A6: Uhum.”



A7: “Ah, eu acho que tem que ser não muito diferente do convencional, mas assim, voltado mais para o diálogo para a gente poder, se um dia tiver, sei lá, trabalhando a gente consiga também ajudar um pouco sim, mas ligado a conversa eu acho. E: Conversação? A7: É.”

A8: “De entender, de escutar até que não assim, mas falar sabe? Tenho muita dificuldade em falar inglês.”

A9: “Mas não consegue sair falando fluentemente (p p).”

e) Para aprender inglês é preciso frequentar um curso particular

A4: “Ah, eu espero que o inglês seja mais aprofundado assim na questão de saber interpretar bem, falar assim um pouco mais fluente, eu também não faço curso, então eu penso nisso (p p).”

O2: “E: Você tem dificuldade para aprender? O2: **Eu tenho dificuldade para aprender inglês, aí pra (formação de ideias) muitos assim que não têm dificuldade é porque já fez cursinho (p) (P) O2: Pra mim foi difícil, mas quando eu terminar o técnico eu tenho tempo, quando eu terminar eu vou fazer cursinho (P).**”

O5: “**Eu não tenho dificuldade em relação ao inglês porque, eu faço além daqui o curso fora do instituto né?! Mas assim é, eu acho que sim, uma forma ou de outra o inglês te ajuda na hora do laboratório.**”

CONCLUSÃO

Pudemos verificar que, de modo geral, os alunos vêem a língua estrangeira não como um bem cultural, ou como uma forma de ampliar conhecimentos, ampliar a visão de mundo, ter acesso a bens culturais como a literatura, o cinema, a música de outros países. Praticamente, todos os alunos entrevistados entendem que estudar língua inglesa serve para adquirir um conhecimento que vai lhes possibilitar acesso a coisas “práticas”, tais como saber compreender as instruções dos programas utilizados nos cursos, comunicar com estrangeiros e visita ao Brasil ou no exterior, ter um bom desempenho no Enem, traduzir textos técnicos e termos encontrados nos programas utilizados nos cursos. Com isso, verificamos que os alunos se inserem em discursos que são veiculados na mídia e que também parecem estar cristalizados no imaginário social

Nesse sentido, destacamos como exemplo a representação de que o local em que se aprende inglês são os cursos de idiomas. Esse discurso tem origem especialmente no discurso publicitário. As redes de escolas de idiomas investem bastante em propaganda utilizando-se de recursos como a TV, a Internet, as redes sociais, cartazes, outdoors, promoções. As escolas de idiomas têm metodologias variadas de ensino, muitos recursos e professores capacitados, porém isso por si só não é suficiente para que o aluno seja bem sucedido na aprendizagem. Para fundamentar nossa afirmação, compartilhamos da ideia de Revuz (1998) e também de Serrani (1997). Essas autoras explicam que a aprendizagem de língua estrangeira também depende de



fatores como subjetividade e identificação com a língua. Sendo assim, estudar em escolas de idiomas não garante a aprendizagem, bem como, não significa que o aluno que não tenha acesso a esse ensino, não possa ter sucesso na aprendizagem em outros contextos de aprendizagem, como por exemplo, a escola de Educação Básica.

Um aspecto da pesquisa que chamou nossa atenção foi a diversidade em relação às expectativas dos alunos. Isso aponta para um ponto que merece atenção: no ensino técnico integrado, as salas de aula são bem heterogêneas e o nível de conhecimento dos alunos sobre Inglês é bastante variado. Há alunos que se consideram com dificuldade na aprendizagem de língua estrangeira, outros que enunciam ter mais facilidade e há diferença na bagagem de aprendizagem, isto é na quantidade de tempo estudando o idioma, pois há alunos cujo contato com o Inglês foi realizado na escola de Educação Básica, nos anos do Ensino Fundamental e agora no Ensino Médio e há também alunos que além do contato com a língua na escola de Educação Básica, estudam ou estudaram Inglês em escolas de idiomas. Esses fatores fazem das salas de aulas dos cursos técnicos contextos de ensino de inglês bem heterogêneos e tornam o desafio de ensinar o idioma nesta modalidade de ensino ainda mais complexo.

Concluimos que o levantamento das representações e também o conteúdo das entrevistas constitui um rico material para os professores de língua inglesa que atuam no ensino básico, técnico e tecnológico. A partir desse material será possível realizar reflexões, discussões, elaborar um planejamento de aulas que atenda às necessidades e aos anseios dos alunos dos cursos técnicos. Cremos que essa pesquisa é o início de um ciclo de pesquisas sobre o ensino de língua estrangeira na Educação, Básica, Técnica e Tecnológica que deve ser expandido para a realização de um ensino de língua estrangeira que tenha a identidade do público que atendemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAHÃO, M. H. V. Metodologia na investigação da crenças. In: BARCELOS, A. M. F. (Orgs.) **Crenças e ensino de línguas** - foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

ALMEIDA FILHO, A. C. P. Aprendizagem e ensino de línguas em contextos tecnológicos. In: **REVERTE- Revista de Estudos e Reflexões Tecnológicas da Faculdade de Tecnologia de Indaiatuba**, n. 6, 2008. Disponível em: http://www.fatecindaiatuba.edu.br/reverte_online?6Edição/Artigo15.pdf. Acesso em: 16/07/12.

ANDRADE, E. R. de. Entre o desejo e a necessidade de aprender línguas: a construção das representações de língua e de aprendizagem do aluno-professor de língua inglesa. Tese de doutorado. Campinas, SP, 2008.

BRASIL, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Documento base da educação profissional técnica integrada ao ensino médio**, 2007.

FREITAS, V. A. B. Aspectos da subjetividade brasileira no contato/confronto com uma língua estrangeira. In: BERTOLDO, E. S. (Org.) **Ensino e aprendizagem de línguas e a formação do professor: perspectivas discursivas**. São Carlos: Claraluz, 2009.

GOMES, S. M. **As reflexões de uma professora de língua inglesa sobre as percepções do outro com relação a como tra (tar) balhar o erro no ensino de línguas.** 2009. 197 f. Dissertação - (Mestrado em Linguística Aplicada). PGLA, Universidade de Brasília, 2009.

GRIGOLETTO, M. Representação e identidade do (a) professor (a) de língua estrangeira. In: CORACINI, M. J. (Org.) **Identidade & discurso:** (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

MALDIDIER, D.; NORMAND, C.; ROBIN, R. Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa. In: ORLANDI, E. (Org.) **Gestos de leitura:** da história no discurso. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997. p.67-102.

OLIVEIRA, P. D. **O imaginário do aluno sobre a língua inglesa na constituição de sua subjetividade.** 2006. 198 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução Eni Pulcinelli Orlandi (et. Al.), 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995, 306 p. (Coleção Repertórios).

PENNYCOOK, A. **Development, culture and language:** ethical concerns in a postcolonial world. The Fourth International Conference on Language and Development. October 13-15, 1999.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. Tradução: Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e identidade:** elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

SERRANI-INFANTE, S. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. **Delta.** São Paulo: vol. 13, n. 1, fev. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: jan. 2005.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.